



SEGREGAÇÃO

A problemática da segregação social é um assunto que vem sendo abordado nos diversos âmbitos da sociedade. A própria configuração de nossas cidades, bem como a distribuição da população no espaço, já é de natureza segregadora. Vemos isso no nosso dia-a-dia, ao constatar a pobreza na periferia das nossas cidades, já que os ricos escolhem seus lugares e aos pobres são oferecidos os resíduos da cidade.

Em espaços teoricamente abertos a todo o público, como Shopping Centers, essa segregação também é perceptível: além de serem templos de consumo que estão fora da realidade de grande parte da população, as pessoas não se sentem convidadas a entrar e se apropriar do espaço, pois muitas vezes são barradas pela segurança ou mal recebidas por grande parte dos frequentadores destes espaços.

“Quem detém o poder do dinheiro dispõe de liberdade para escolher entre mercadorias suntuosas (incluindo locais de prestígio, adequadamente protegidos, cercados por muros e portões e com todos os serviços), mas aos cidadãos como um todo é negada toda escolha coletiva de sistema político, de formas de relacionamento social ou de meios de produção, de consumo e de troca” (HARVEY, 2004)

Mas a segregação social não se dá só por faixas de renda. Há uma outra parcela da população que também sofre muito com o descaso da sociedade: as pessoas com deficiência.

Segundo o Censo Populacional de 2000, existem no Brasil cerca de 24,5 milhões de pessoas que apresentam algum tipo de deficiência. São pessoas com ao menos algum tipo de dificuldade para se locomover, ouvir, enxergar ou

compreender.

As principais causas apontadas como causadoras de deficiências no país são a má nutrição de mães e filhos, a falta de assistência médica e condições sanitárias, as infecções, os acidentes de trabalho e de trânsito, as anomalias congênitas e a violência urbana.

No Brasil, principalmente a partir da década de 1990 tem se começado a por em pauta a questão da acessibilidade e da inclusão social das pessoas com deficiências, mas ainda falta muito para que se possa dar por razoável essa discussão, principalmente ao que diz respeito à prática. Além do preconceito sofrido para frequentar determinados espaços, dificilmente encontram-se lugares satisfatoriamente adaptados ao uso destas pessoas. Até mesmo circular nas ruas das cidades torna-se difícil, pela inexistência de passeios adequados e regulares, larguras insuficientes, meio fio sem rebaixamento, entre tantos outros detalhes que passam despercebidos aos nossos olhos.



Rampas com inclinação inadequada.

Passeios irregulares, e sem piso guia e piso alerta.



Passeios muito estreitos e com obstáculos.



Sanitário muito pequenos e sem barra de apoio.

Passeios sem rebaixamento (ou com rebaixamento muito precário) e sem sinalização tátil para travessia.



Muitas vezes consideramos todas estas adaptações pensando apenas em pessoas com deficiências, esquecendo que cotidianamente todos podemos sofrer restrições que nos privem de movimentos e sensações de forma temporária, mas exigindo também um ambiente pronto para receber e atender às necessidades de cada indivíduo. Foi o que aconteceu com Ingrid Gousseff Fonseca, de 22 anos. Consta a seguir o seu relato dos fatos.

1. Breve relato dos acontecimentos (problema, intervenções cirúrgicas, restrições):

Em um acidente de moto dia 02-06-2006, eu tive uma fratura no fêmur, uma fratura no pé, duas fraturas expostas na tibia e fibula, o rompimento dos ligamentos posterior e anterior do joelho. Foi colocado uma placa com 9 parafusos no fêmur e um fixador externo na perna durante 6 meses. Agora, 10 meses depois do acidente eu já estou recuperada das fraturas e liberada para andar, mas ainda uso uma muleta por segurança, já que ainda faltam 2 cirurgias dos ligamentos do joelho, sem data prevista, sendo que infelizmente eu dependo do SUS. Têm pessoas que esperam por essa cirurgia há 1 ano. Essa é a realidade do nosso país.

2. O que mais a deixou abalada com o acidente?

Ficar de um dia para o outro, totalmente dependente de outras pessoas.

3. Qual foi reação das pessoas ao redor depois do acontecido (aproximaram-se, afastaram-se...)?

A família esteve do meu lado de uma forma incrível, e os verdadeiros amigos também, sempre lotando meu quarto no hospital em horários de visita e depois em casa. Sem eles tudo teria sido muito mais difícil.

4. Quais foram as maiores dificuldades que enfrentou pra freqüentar lugares diversos em casa e fora de casa (faltas de rampas, pisos escorregadios, escadarias, falta de corrimãos, falta de adaptação dos mobiliários, etc)?

Como meu joelho não dobrava nos primeiros meses eu usei cadeira de rodas, mas só para ir ao médico, pois dentro da minha casa a cadeira não passava nas portas. Na primeira semana eu ainda não tinha conseguido uma cadeira de rodas e tinha que depor na Delegacia de Acidentes de Trânsito, e chegando lá eu não pude descer do carro, pois não tinha uma cadeira de rodas em uma delegacia de trânsito. Sabendo que eu enfrentaria esses tipos de problema, evitei sair de casa durante esse período.

5. Sentiu preconceito ou tratamento diferenciado por parte de algumas pessoas?

Felizmente não.

6. O que considera como mudança mais urgente (na cidade e nas pessoas) para abrigar pessoas que enfrentam alguma restrição, seja temporária ou definitiva?

Na cidade eu acredito que seria um bom começo se todos os estabelecimentos tivessem além da rampa, a própria cadeira de rodas, sendo que a mesma não entra em qualquer carro. Eu dependia de dois carros para sair, um pra mim e outro pra cadeira, essa situação seria mais para casos como o meu, já que se tratando de um problema temporário, não se torna necessário comprar uma cadeira. A mudança nas pessoas é a parte mais difícil, eu notei que elas não tem muita paciência com a lentidão que um deficiente tem em se locomover, às vezes

■ “atrapalhando” a passagem dos outros na entrada ou saída de algum lugar.

■ Após esta breve apresentação de conceitos de Desenho Universal gostaria de voltar ao tema de meu trabalho: a dança como reabilitação e prática de inclusão social para as pessoas com deficiência. O problema apresenta-se tão grande quanto ou até maior do que a questão da renda: não basta ter o dinheiro para pagar, é preciso ter quem se disponha a ensinar. Estamos condicionados a ver deficientes como pessoas incapazes de desempenhar a maioria das funções. Quem dirá então na dança, aonde a primeira imagem que vem à nossa cabeça é a leveza e o movimento. É justamente nesse preconceito que criamos que são construídas as barreiras para essas pessoas, que se sentem incapazes e excluídas da vida e de muitas das atividades cotidianas.

■ Felizmente essa consciência tem surgido há algum tempo dentro do nosso país, e hoje podemos contemplar belos trabalhos de profissionais que aceitaram o desafio de incluir as pessoas portadoras de deficiência nesse mundo de arte e movimento.



SEGREGAÇÃO